

Las miradas se transmutan y confunden en una sola mirada o tal vez se enfrentan a un puzzle de ojos tímidos descubiertos por alguien desconocido.

### Conclusiones

La característica principal de esta artista se idealiza en la plasmación de singularidades visuales acomodadas a la teatralización del vulgo que vive expreso en esas imágenes de cristal donde puntualizan mediante aspectos formales identificadores los espacios de una síntesis creativa como reducto personal de la imagen que habita en el alma sustantiva del ser como psique personal y comunitaria, como diacrítica que se refleja y por ello se asume entre las singularidades de forma multidisciplinar evocando en los ojos que contemplan la raíz del mensaje pero enriquecido por el valor aprehendido que aporta la vivencia personal a cada uno de los matices desglosados y plasmados en la imagen que nos presentan esas postales de cristal.

Los matices son interpretaciones panegíricas de los mitos sociales, que personifican en el dommy la conducta de un ser proverbial que supera toda psique y la implementa en alabanza del icono plástico que conforma la imagen expresada entre intelectos tecnico-plásticos para el disfrute de idea como referencia creativa. •

### 3.40 Tateando tempos e memórias: livros de Guita Soifer

Márcia Regina Pereira de Sousa\*

**Abstract.** *In this essay I examine some books produced by the visual artist Guita Soifer, from a phenomenological perspective. I reflect about the tactile dimension observed in these books, taking into account my personal experience of leafing through such books.*

**Keywords:** *Guita Soifer, artist's book, tactile, time, memory.*

**Resumo.** *Neste ensaio abordo alguns dos livros produzidos pela artista visual Guita Soifer, de uma perspectiva fenomenológica. Reflito acerca das dimensões táteis observadas nesses livros, a partir de minha experiência pessoal em folheá-los.*

**Palavras chave:** *Guita Soifer, livro de artista, tátil, tempo, memória.*

#### Para introduzir

Guita Soifer nasceu em Curitiba (Paraná, Brasil) no ano de 1935. A partir de 1981 participou de diversas exposições de arte, além de salões nacionais e bienais internacionais. A produção da artista tem como centro o tempo e a memória, e transita por diferentes linguagens: desenho, pintura, gravura, fotografia, livros de artista, objetos, vídeos e instalações.

Neste ensaio, tecerei um breve relato a respeito da experiência de folhear alguns dos livros produzidos por Guita Soifer e mostrados na exposição *Tempos transversos: um tûmulo no ar*, ocorrida no Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha, Berlim, em 2001.

#### 1. Os livros táteis de Guita

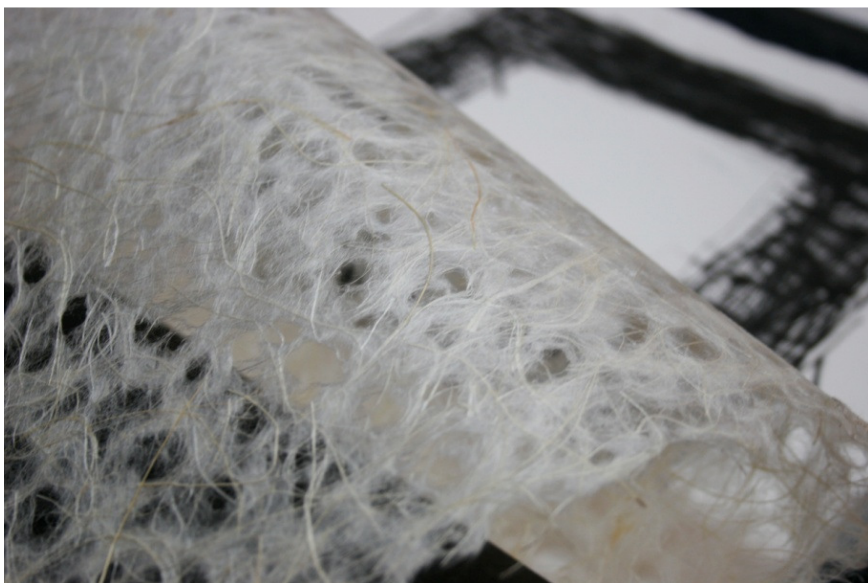
Das prateleiras e mesas do atelier de Guita Soifer se espriam dezenas de livros de artista, todos feitos para serem tocados. Guita diz que a questão tátil é central em seus trabalhos em livro: o tátil que se inicia na pesquisa e escolha dos materiais, que passa pela concepção e construção física dos trabalhos, para então ampliar-se e desdobrar-se entre as mãos daquele que os folheia.

A artista revela que o livro a envolveu como objeto de pensamento quando, acidentalmente, em visita a um depósito de papéis antigos,

---

\* Brasil, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Exposições de gravura, fotografia e livros de artista. Bacharel em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UDESC.

encontrou alguns livros de matemática em método braile, os quais ela não estava apta a ler, mas a *sentir*. As formas em relevo ali gravadas a fascinaram de imediato, assim como a impossibilidade da leitura, e a potência sensório-tátil que esses livros conservavam. Naquele momento – meados para finais dos anos 1990 – a artista trabalhava justamente sobre séries de gravuras que compreendiam aspectos visual-táteis: formas sutis gravadas em alto ou baixo-relevo, poucos pretos, muitos brancos em saliências ou reentrâncias do próprio papel; letras tipográficas impressas de forma esparsa e ilusoriamente aleatórias; ou ainda inscrições em braile sobre o papel branco.



**Figura 1.** Guita Soifer (cerca de 1997), sem título. Livro de artista. Acervo Guita Soifer. Fonte: própria.

Alguns dos primeiros livros produzidos pela artista originaram-se da lógica de construção dessas séries de gravuras. Às encadernações, entretanto, eram acrescentadas páginas constituídas por materiais ainda mais táteis, como colagens de superfícies em relevo ou papéis feitos à mão (figura 1). Em entrevista, Guita Soifer diz: “ao pensar em executar esses livros, imaginei que seriam *livros sem palavras*, mas que teriam um total envolvimento dos sentidos, principalmente do tato: é preciso

sentir o livro com as mãos” (comunicação pessoal, 22 de Maio 2009). Ela acrescenta que nesses livros iniciais de gravura, trabalhava com a idéia de “tocar o gravado”, e procurava expressar o vazio e o silêncio.

## 2. Silêncios-tempo em cinza, vermelho e negro: livros de Berlim

No conjunto de livros de *Tempos transversos*, Guita Soifer encaderna tempos e silêncios. Silêncios das mais diversas espessuras... Ao tocar as capas do tomo mais grosso e pesado, encadernado em veludo vermelho (figura 2), as mãos tateiam um silêncio antigo e profundo. Há marcas sobre a capa frontal, como se algo que vivesse ali em outros tempos tivesse sido arrancado. A lombada e as extremidades das capas estão muito desgastadas, e anunciam as justaposições de tempos e as repetidas ações de pegar-abrir-folhear-fechar-guardar.



**Figura 2.** Guita Soifer (cerca de 2001), sem título. Livro de artista. Acervo Guita Soifer. Fonte: própria.

Nessas reentrâncias que revelam de quantos tempos o livro é feito, meu corpo reconhece tatilmente as tessituras das memórias que ali se cruzam: ali estão os toques decididos daquele que encadernou o livro originalmente; as mãos daqueles que o leram quando ainda continha palavras; o tatear daqueles que apenas o tomaram entre as mãos para apreciar a encadernação refinada; o gesto daquele que desembarçou as

capas de seu antigo conteúdo; as incursões táteis da artista, ao transformar e re-significar o livro; o folhear daqueles que o abriram desde então... Por fim, a respiração contida daqueles mencionados silenciosamente no interior do livro: estrelas de Davi quase transparentes, mapas fragmentados de Treblinka e Auschwitz, impressões digitais...

O folhear desse livro remete o corpo a outros tempos: as muitas páginas de papel jornal questionam o tato a respeito de sua aspereza, e lembram o tocar objetos muito antigos, esquecidos no interior de caixas ou baús. Explorar essas páginas parece levar meu corpo a tempos remotos, não vividos, perdidos entre lembranças empoeiradas e fotografias em preto e branco... Parecem estar fixos ali tempos passados que não são meus, mas eu os reconheço, poderiam ser meus... Eles me contam algo ao prescindir das palavras, falam direto ao meu corpo, pelo “tecido intencional” (Merleau-Ponty, 1991, p. 184) que me liga a esses objetos.

Já as finas páginas de papel de seda branco, presentes aqui e ali entre as folhas de papel jornal, deixam a sensação tátil de lisura e suavidade, contrastando com o corpo de folhas mais áspero. Em algumas delas, há séries de minúsculas perfurações, que formam pequenos desenhos. Com certeza não se tratam de cicatrizes, pela delicadeza e organização dos pontos. Sugerem diminutas lesões de agulha, e me remeteram às inscrições e marcas distintivas tatuadas nos corpos dos deportados aos campos de concentração nazistas. Tocar esses desenhos gravados na fina pele do papel é como tocar pessoas e a memória de suas peles...

No interior desse livro, nos deparamos ainda com páginas em papel vermelho transparente. Suas superfícies recobrem apenas parcialmente as páginas precedentes e subseqüentes, e por isso parecem configurar-se como véus rubros que permeiam todo o livro. Essas páginas foram manchadas e marcadas aparentemente por algo molhado, e por isso é inevitável a imediata associação tátil com corpos úmidos sendo tocados (figura 3). Aqui também não seriam cicatrizes, mas como que ferimentos abertos, nunca cicatrizados...

Guita Soifer documentou sutilmente a memória das muitas pessoas desaparecidas naquele período. A artista disse em entrevista que essas dezenas de páginas unidas num tomo são uma forma de inscrever no

presente a existência esquecida dessas pessoas (comunicação pessoal, 2009): uma página, uma vida, uma história, muitas memórias...



**Figura 3.** Guita Soifer (cerca de 2001), sem título. Livro de artista. Acervo Guita Soifer. Fonte: própria.

Dois outros trabalhos desse conjunto possuem capas revestidas em veludo negro. O maior deles tem o interior todo em folhas transparentes. Algumas das páginas trazem gravuras atravessadas por manchas avermelhadas, enquanto outras trazem impressas formas orgânicas em preto e vermelho, também como feridas cindindo o papel (figura 4). Entremeadas a estas, as mãos ao folhear encontram páginas costuradas, como um susto tátil entre os papéis finos. As densidades presentes nessas páginas se contradizem, já que o peso concentra-se nas costuras e não nas páginas. Embora as costuras pesem, as páginas mantêm-se íntegras. A artista, tocando-as ao abrir o livro, lembra o fato de que os judeus que viviam nas cidades alemãs – e posteriormente nos territórios ocupados – eram obrigados a costurarem em suas vestes a estrela de Davi, como uma marca condenatória (comunicação pessoal, 2009).

As transparências nesse livro dão a sensação de justaposição de tempos passados: véus diáfanos, como camadas temporais que



simultaneamente escondem e mostram o que passou e o que virá. Ao folhear o livro, sinto-me transitar entre tempos, coexistentes e sobrepostos. As páginas parecem configurar-se como espécies de “nós na trama do simultâneo e do sucessivo” (Merleau-Ponty, 2000, p. 129)... As páginas machucadas e as costuradas, ao sucederem-se, criam um silencioso diálogo espaço-temporal: os tempos se curam, os espaços se curam. Mas as feridas reaparecem, insistentemente, como memória...



Figura 4. Guita Soifer (cerca de 2001), sem título (Soifer, 2001).

Ao segundo livro com capas de veludo negro foi conferida uma materialidade diversa da dos demais: é pequeno e leve, cabendo perfeitamente entre as mãos (figura 5). No interior, não há transparências, mas opacidades e texturas: papéis de alta gramatura, vermelhos e negros. Na capa frontal desse livro, a artista costurou círculos concêntricos vermelhos, forma que se repete nas páginas interiores. O círculo não tem começo nem fim, é perfeito e imutável, e por isso simboliza o tempo, as coisas sem fim, cíclicas. O tempo como uma sucessão contínua de instantes... A artista, intuitivamente, trouxe os círculos para o livro. O tempo, assim, habita também esses livros.

Desse modo, depreende-se que o tempo é a matéria primordial de que Guita se serve para produzir as obras que compõem a exposição *Tempos transversos*, e em especial os livros aqui investigados como experiência. Como coloca Agnaldo Farias, no texto de apresentação do catálogo dessa exposição:

[...] a artista parece debruçar-se sobre o tempo, experimentá-lo em algumas de suas manifestações, perceber passivamente suas peculiaridades, como quem deixa o vento soprar o próprio rosto desalinhando o cabelo, ou, ao contrário, como quem se propõe a açulá-lo, obrigando-o a mover-se pela ação do gesto que sulca uma matriz ou pelo endurecimento da parafina líquida, cuja viscosidade vai desaparecendo à medida em que a matéria trava contato com a temperatura ambiente [...]. (Farias, In: Soifer, 2001)

Em específico acerca dos livros, Farias coloca:

As cores vão imantando o ambiente com seu calor, com o ritmo compassado com que viramos a página, uma maneira de saborear o tempo, posto que o livro é um objeto que se frui devagar (Farias, In: Soifer, 2001)

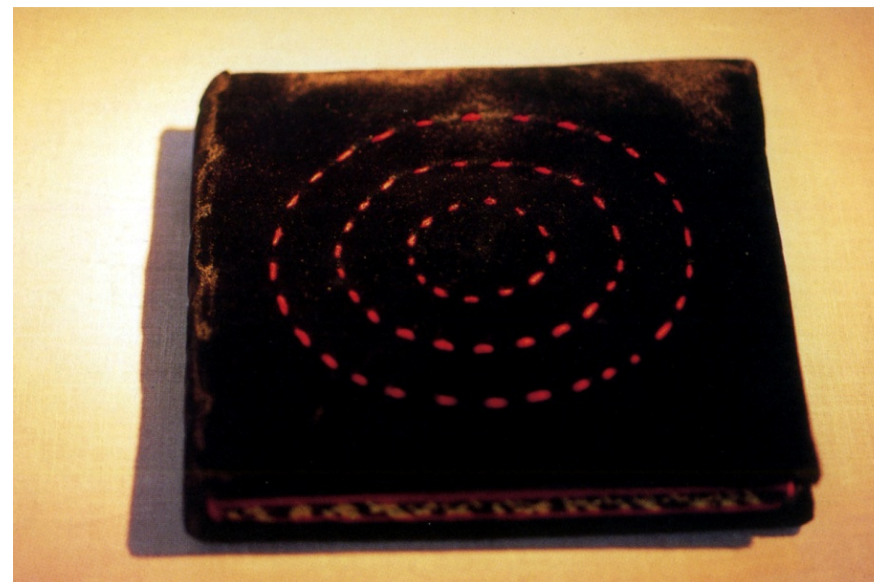


Figura 5. Guita Soifer (cerca de 2001), sem título (Soifer, 2001).

### À guisa de conclusão

Guita Soifer, ao encadernar tempos, silêncios e esquecimentos, ao mesmo tempo em que costura saliências e reentrâncias, densidades e transparências, temperaturas e contrastes, funda lugares que, além de táteis, tornam-se afetivos. Por suas sutilezas e atravessamentos de

tempos, os livros de Guita ensinam ao tato um toque ainda mais profundo, feito de afetividade, memórias e delicadezas. •

### **Referências**

- Merleau-Ponty, Maurice (1991) *Signos*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN: 85-3361-312-1
- Merleau-Ponty, Maurice (2000) *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva. ISBN: 85-2730-171-7
- Soifer, Guita (1995) *Guita Soifer*. Curitiba: Casa da Imagem.
- Soifer, Guita (2001) *Tempos transversos: um tótem no ar*. Berlim: exposição no Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha.